

Livro

Dos

Poemas

**Amigo leitor,  
venho compartilhar  
com você, magníficos  
poemas da Literatura  
Brasileira para que  
possa apreciar essas  
belíssimas obras e seu  
autores.**

# Quinhentismo (século XV|)

## - Jesus na manjedoura -

*- Que fazeis, menino Deus, Nestas  
palhas encostado? - Jazo aqui por  
teu pecado. - Ó menino mui  
formoso, Pois que sois suma  
riqueza, Como estais em tal  
pobreza? - Por fazer-te glorioso E  
de graça mui colmado, Jazo aqui  
por teu pecado.*

- Pois que não cabeis no céu,  
Dizei-me, santo Menino,  
Que vos fez tão pequenino?  
- O amor me deu este véu,  
Em que jazo embrulhado,  
Por despir-te do pecado.  
-Ó menino de Belém,  
Pois sois Deus de eternidade,  
Quem vos fez de tal idade? - Por querer-te todo o bem  
E te dar eterno estado,  
Tal me fez o teu pecado.

### **José de Anchieta**

\* As Obras de José de Anchieta foram as primeiras manifestações literárias em terras brasileiras.

## **Barroco ( 1601 a 1708)**

*Buscando a Cristo "A vós correndo vou, braços sagrados, Nessa cruz sacrossanta descobertos, Que, para receber-me, estais abertos, E, por não castigar-me, estais cravados. A vós, divinos olhos, eclipsados De tanto sangue e lágrimas abertos, Pois, para perdoar-me, estais despertos, E, por não condenar-me, estais fechados.*

A vós, pregados pés, por não deixar-me, A vós, sangue  
vertido, para ungir-me, A vós, cabeça baixa p'ra  
chamar-me. A vós, lado patente, quero unir-me, A vós,  
cravos preciosos, quero atar-me, Para ficar unido,  
atado e firme."

**Gregório de Matos**

# Arcadismo (1756 a 1825)

## Morte, juízo, inferno e paraíso

Em que estado, meu bem, por ti me vejo, Em que estado infeliz, penoso e duro!

Delido o coração de um fogo impuro, Meus pesados grilhões adoro e beijo.

Quando te logro mais, mais te desejo; Quando te encontro mais, mais te procuro; Quando mo juras mais, menos seguro Julgo esse doce amor, que adorna o pejo.

Assim passo, assim vivo, assim meus fados Me desarreigam da alma a paz e o riso, Sendo só meu sustento os meus cuidados;

E, de todo apagada a luz do siso, Esquecem-me (ai de mim!) por teus agrados Morte, Juízo, Inferno e Paraíso.

**Manuel Du Bocage**

# Romantismo ( século 1836 a 1881)

## Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar — sozinho, à noite —  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras;  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

**Gonçalves Dias**

# Realismo (século XIX)

Existe uma flor que encerra  
Celeste orvalho e perfume.  
Plantou-a em fecunda terra  
Mão benéfica de um nume.  
Um verme asqueroso e feio,  
Gerado em lodo mortal,  
Busca esta flor virginal  
E vai dormir-lhe no seio.  
Morde, sangra, rasga e mina,  
Suga-lhe a vida e o alento;  
A flor o cálix inclina;  
As folhas, leva-as o vento.  
Depois, nem resta o perfume  
Nos ares da solidão... Esta flor é o coração, Aquele  
verme o ciúme.

**Machado de Assis**

# Simbolismo (1983 a 1922)

Entre brumas ao longe surge a aurora,  
O hialino orvalho aos poucos se evapora,  
Agoniza o arrebol.

A catedral ebúrnea do meu sonho  
Aparece na paz do céu risonho  
Toda branca de sol.

E o sino canta em lúgubres responsos: "Pobre  
Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

" O astro glorioso segue a eterna estrada.

Uma áurea seta lhe cintila em cada Refulgente raio de  
luz. A catedral ebúrnea do meu sonho,  
Onde os meus olhos tão cansados ponho,  
Recebe a benção de Jesus.

E o sino clama em lúgubres responsos: "Pobre  
Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

Por entre lírios e lilases desce  
A tarde esquiva: amargurada prece

Poe-se a luz a rezar.

A catedral ebúrnea do meu sonho

Aparece na paz do céu tristonho

Toda branca de luar.

E o sino chora em lúgubres responsos: "Pobre

Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

O céu é todo trevas: o vento uiva.

Do relâmpago a cabeleira ruiva

Vem acoitar o rosto meu.

A catedral ebúrnea do meu sonho

Afunda-se no caos do céu medonho

Como um astro que já morreu.

E o sino chora em lúgubres responsos: "Pobre

Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

**Alphonsus Guimaraens**

# Pré- Modernismo (1902 a 1922)

## Soneto

Canta teu riso esplêndido sonata,  
E há, no teu riso de anjos encantados,  
Como que um doce tilintar de prata  
E a vibração de mil cristais quebrados.  
Bendito o riso assim que se desata - Citara suave dos  
apaixonados,  
Sonorizando os sonhos já passados,  
Cantando sempre em trínula volata!

Aurora ideal dos dias meus risonhos,  
Quando, úmido de beijos em ressábios  
Teu riso esponta, despertando sonhos... Ah! Num  
delíquio de ventura louca,  
Vai-se minh'alma toda nos teus beijos,  
Ri-se o meu coração na tua boca!

**Augusto dos Anjos**





